



Como foi a aplicação da lei 10.639/03 na turma do terceiro ano matutino de 2018 na E.E.B. Getúlio Vargas em Florianópolis/SC?

Autora: Marina de Almeida Dias Mello Ulguim (PIBIC EM - E.E.B. Getulio Vargas) | marindias.md@gmail.com

Orientadoras: Giovanna Barros Gomes e Maria Luiza Scherer (NIGS, Antropologia - UFSC).

Coorientadoras: Aline dos Santos Carolino e Larissa Mattos da Fonseca (NIGS, Antropologia - UFSC).

Coordenadoras do Projeto PIBIC EM: Dra. Alexandra Elisa Vieira Alencar e Profª Dra. Miriam Pillar Grossi.

INTRODUÇÃO

O ensino sobre África e movimentos negros nas escolas é uma realidade desde 2003, com a lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Com base nisso, busquei refletir sobre o aprendizado do tema para algumas estudantes da escola pública estadual Getúlio Vargas.

OBJETIVOS

Analisei os conteúdos sobre África, movimentos negros e feminismo negro, a partir da perspectiva de duas estudantes do terceiro ano do ensino médio na E.E.B Getúlio Vargas.

METODOLOGIA DE PESQUISA

- Entrevista informal com duas estudantes de diferentes turmas do terceiro ano do ensino médio do colégio E.E.B Getúlio Vargas.
- Atividades indicadas pela escola.



Patio da E.E.B. Getúlio Vargas

OBSERVAÇÕES

Nas segundas- feiras tem aula de história e tínhamos que apresentar seminários como Pan-Africanismo e movimento negro nos Estados Unidos. Na apresentação sobre o movimento negro nos Estados Unidos sentimos que algumas pessoas estavam interessadas em entender do que se tratava o trabalho, abordamos sobre ativistas como Martin Luther King, Malcom X, Rosa Parks e sobre movimentos e protestos como a Marcha de Selma a Montgomery, o movimento Black Lives Matter, e o Partido dos Panteras Negras. Também abordamos filmes sobre a segregação racial nos EUA, incluindo o filme "O nascimento de uma nação" que é um filme racista que exalta a KU KLUX KLAN , mas foi importante citá-lo porque a partir desse filme que começaram a surgir filmes norte-americanos de oposição.

A partir da observação desses fatos, realizei uma conversa informal com duas estudantes de diferentes turmas do terceiro ano do ensino médio abordando assuntos relacionados a história e o conhecimento negro.

PRIMEIRA CONVERSA INFORMAL

E no dia da consciência negra, o que você acha das atividades escolares?
Estudante 1: *Meu então, desenhamos algumas coisas e colocamos em um mural, eu acho uma coisa boa, mas não acho que no colégio é levado tão a sério, pelos estudantes mesmos sabe? talvez os professores estejam com uma boa intenção de fazer algo legal, mas os estudantes mesmo não estão tão focados nisso.*

Como foi o aprendizado sobre questões sobre a África, movimentos negros, feminismo negro no colégio?

Estudante 1: *Sobre movimentos negros, pesquisei mais por fora. Não me lembro direito dos temas que foram abordados, mas sei que tive mais esse ensino no ensino médio do que no ensino fundamental, talvez até por isso eu não lembre, por não ter me interessado tanto, tipo quando a professora de inglês passou o filme 12 anos de escravidão, esse ano, eu senti bastante aquele filme., E quando se fala de escravidão, parece tudo muito afastado né? Parece tudo muito longe, muito afastado...*

SEGUNDA CONVERSA INFORMAL

Na segunda conversa eu e a estudante do E.E.B Getúlio Vargas tivemos uma breve conversa sobre o tema do projeto.

Nessa conversa ela me disse que na escola, aprendeu pouco sobre questões raciais, África, movimentos e feminismos negros, que quando o assunto era abordado, acontecia mais nas aulas de história e de humanas no geral, mas em física e nas demais matérias de exatas, onde o tema também deveria ser abordado, ela nunca viu acontecer. Disse inclusive, que acha que as atividades da semana da consciência negra que ocorre na escola, no mês de novembro, é apenas para preencher currículo, ela diz ter a impressão de que os estudantes e os professores não estão tão embasados sobre o assunto. E que essa falta de saber sobre o tema é mais por falta de interesse mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi muito interessante fazer o projeto, o colégio onde estudo fez uma abordagem muito interessante sobre esse tema nos últimos anos. Mais interessante ainda, foi ver a opinião das minhas colegas sobre o assunto: Enquanto uma fala que acha que os professores/as estão interessados em abordar o assunto e em contrapartida os estudantes não estão interessados em aprender. A outra, por sua vez, fala que os professores/as e os estudantes não estão interessados em abordar sobre o tema. Achei as diferenças de perspectiva muito interessantes, tendo em vista que estamos no mesmo colégio. Concordo com o fato de que seria muito produtivo abordar essa temática além do ensino de história e ciências humanas no geral, há muito o que se abordar sobre o tema nas áreas de exatas também. E isso vai de encontro com a leitura do texto "A lei federal 10.639/03: Uma intervenção na escola" (MUNIZ, Márcia. 2016) . Tanto este texto quanto Kabengele Munanga, citado pela autora, afirmam que nas escolas as pessoas precisam parar de ter medo e insegurança de abordar sobre o assunto, e parar de delimitar o assunto apenas ao ensino de história, e ensinar os estudantes a não acreditar em uma democracia racial, onde ao meu ver, vai de encontro com a fala da estudante que participou da segunda entrevista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Alexandra Eliza Vieira. Cidadão invisível Florianópolis. 2006. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Bacharel em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2P5Ger85dGI>.
- KABENGELE Munanga - Trajetória TV USP - parte 1. Direção de Luiz Gustavo Nussio. São Paulo: Tv Usp, 2012. (2203 min., son., color. Disponível em: <Kabengele Munanga - Trajetória TV USP - parte 1>. Acesso em: 12 mar. 2012.
- MARCOLINI, Adriana. "A educação colabora para a perpetuação do racismo": Política - Kabengele Munanga. Carta Capital: Ideias em tempo real, São Paulo, p.1-3, 06 jun. 2015.
- MUNIZ, Marcia Conceição Carrinho. A lei federal 10.639/03: Uma intervenção na escola. 2016. 8 f. TCC (Graduação) - Curso de Antropologia, Ufsc, Florianópolis, 2016. Cap. 1.